



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1  
jan-jun.2023  
p. 236-254

# “Há um abismo do não escutar”: Distâncias entre o modo ancestral e o modo acadêmico e resistência dos povos das águas e florestas na Volta Grande do Xingu.

## Entrevista com Ana Laide Soares Barbosa

*(“There is an abyss of not listening”: Distances between the ancestral and academic modes and resistance of the peoples of the waters and forests at the Volta Grande do Xingu. Interview with Ana Laide Soares Barbosa)*

*(“Hay un abismo del no escuchar”: Distancias entre el modo ancestral y el modo académico y resistencia de los pueblos de las aguas y bosques en la Volta Grande do Xingu. Entrevista con Ana Laide Soares Barbosa)*

Maria Fantinato Géó de Siqueira<sup>1</sup>

O texto abaixo, publicado na forma de entrevista, é fruto de conversas que se deram virtualmente entre 26 e 27 de janeiro e 28 de abril de 2023, e também é continuidade de uma conversa que se iniciou em junho de 2019.

Ana Laide Soares Barbosa é educadora social junto a povos e comunidades tradicionais, membro do movimento Xingu Vivo, formada em etnodesenvolvimento / UFPA, e mestre no MESPT/ UnB. Nascida e criada em território tradicional pesqueiro, bisneta de escravizados, neta de pescadores (as) e camponesas, filha de Francisco Sales - pescador - e Rosinete Soares - agricultura/ professora.

Durante meu tempo pesquisando no Pará, fui profundamente afetada pela troca com Ana Laide, e o contato com seu trabalho e pensar ressoam como referência fundamental para meu trabalho como educadora e pesquisadora hoje. Neste número que co-edito com Vered e Camila sobre alianças e circulação entre mundos, convidei Ana a dar-nos uma entrevista mobilizada

<sup>1</sup> Educadora e pesquisadora. Mestre em Comunicação Social (UFRJ) e doutora em Música (Universidade Columbia). Pós-doutoranda no departamento de Antropologia Cultural (Universidade Duke). [mf2969@columbia.edu](mailto:mf2969@columbia.edu)

 Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 08/08/2023  
Aceito em 18/08/2023

pelos temas da chamada, pois sabia que ela teria muito a contribuir com suas reflexões políticas, metodológicas, cosmológicas e filosóficas em conexão profunda e situada com as lutas pelas terras e águas na região da Volta Grande do Xingu, no Pará. Na época de nossas conversas, Ana Laide, que agora é mestre, estava terminando de escrever sua dissertação sobre a luta de comunidades na Volta Grande do Xingu: um trabalho poderosíssimo e inspirador<sup>2</sup>. Aqui nesta entrevista, Ana Laide nos oferece reflexões politicamente provocadoras, conectadas aos territórios em que atua como educadora social e pesquisadora, atravessada também por sua experiência de vida como pescadora, e sua trajetória em movimentos sociais. Suas palavras apontam para perguntas e ponderações centrais que nos desafiam a tomar tempo de rever as formas colonizadas e colonizantes da academia e da ciência moldarem modos de ser, estar, agir e pesquisar nos mundos devastados de hoje. Entre outros temas, esta entrevista traz atenção para os dilemas e desafios da produção acadêmica e científica em relação aos conhecimentos ancestrais, as diferenças entre métodos acadêmicos e métodos e sentires ancestrais, os custos e perdas de se buscar tornar saberes e modos de vida “legíveis” ao olhar científico branco eurocentrado, e os abismos de não escuta e insensibilidade científica e acadêmica a conhecimentos ancestrais e cotidianos cruciais para as lutas. As reflexões resultantes dessas conversas aparecem divididas em algumas seções temáticas, para dar espaço às múltiplas temporalidades das falas. Deixo aqui meu agradecimento à pesquisadora e professora Rosa Elizabeth Acevedo Marin, que me apresentou Ana Laide em 2019 e viabilizou a ponte entre nós. Considero a nossa troca um diálogo entre mundos e conhecimentos que se faz possível por alianças afetivas.

\*\*\*

**“A gente cada vez mais tem que ouvir o que a natureza tá dizendo. E uma coisa hoje que tá muito difícil você ouvir, são os nossos encantados”**

**Maria:** Cheguei até você em 2019, no Marajó, quando acompanhava a professora Rosa Acevedo nas aulas que ela estava dando no curso de Etnodesenvolvimento da UFPA, que você estava fazendo. Minha pesquisa na época focava em escutar as histórias de pessoas de territórios distintos vivendo modos de devastação e transformação na Amazônia paraense - produzidas pelo avanço da soja, da mineração, e de hidrelétricas. Eu atentava para o que essas pessoas diziam sobre os sons, os barulhos, os silêncios, as mudanças sonoras em seus territórios, e como suas histórias

2 Soares Barbosa, Ana Laide. *Ancestralidade, Encantaria e Resistência Nas Comunidades de Belo Monte de Vitória do Xingu e Belo Monte do Pontal na Volta Grande do Xingu*. Universidade de Brasília (UNB). Dissertação de Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais. 2023



e reflexões sobre o que vinha acontecendo no âmbito local apontavam para problemas situados na Amazônia por uma perspectiva geopolítica mais ampla.

A Rosa nos apresentou quando já estava nos últimos meses da minha pesquisa. E nossa conversa me marcou muito. Eu escutei diversas vezes essa conversa, a transcrevi, traduzi para o inglês, e publiquei um trecho de sua fala em um artigo. Mais especificamente, publiquei um trecho em que você falou de como era importante a conexão com a escuta por causa dos encantados, e como a destruição causada pelos megaprojetos também destruía a possibilidade de escutar os encantados. Você disse:

“(…) A gente cada vez mais tem que ouvir o que a natureza tá dizendo. E uma coisa hoje que tá muito difícil você ouvir, são os nossos encantados, porque eles são os nossos protetores, e hoje nós não conseguimos mais escutar, porque o espaço sagrado deles foi tirado de nós. Onde tava o Curupira foi destruída a mata. Onde tava a Iara o rio foi aterrado, o igarapé foi aterrado. A casa da cobra grande foi aterrada... então aonde a gente vai escutar agora os nossos encantados? Porque é no silêncio da água que a gente faz as nossas orações pedindo permissão para que eles possam deixar a gente passar e a gente não sofrer nenhuma punição por tá desrespeitando as horas deles, as horas mortas, que é às seis horas da tarde, que é o meio dia, que é a meia noite, e que são os horários deles, e tudo isso tá sendo destruído, e esses grandes projetos eles também tão arrancando isso da gente, isso que vem da água, que vem da mata. Eles também tão arrancando isso da gente. Então como eu escuto hoje a Matinta Pereira? Porque ela me dava um aviso, ela dizia como as coisas estavam, e quando ela passa, a gente tá sabendo: tem algo acontecendo. A gente já fica totalmente em alerta. A rasga da mortalha quando vem dar seu aviso, quando a gente vai pra várzea e se perde na várzea, os encantados da várzea tão dando um sinal pra a gente, que tá na hora de se rever, e de ver o que que tá acontecendo. Então nós tamos perdendo os nossos encantados porque a gente não consegue mais ouvi-los, a gente não consegue mais senti-los. Isso é muito, muito mais do que triste, né, é você perder parte de ti que tá indo embora e você fica sem rumo” (Ana Laide Soares Barbosa, Marajó 2019)

Enfim, isso foi uma coisa que você falou que para mim virou uma chave pra muita coisa, e aí eu escrevi um texto em inglês, refletindo sobre suas palavras<sup>3</sup>, e como elas apontam para uma política de escuta na/da Amazônia que desafia debates sobre preservação sonora e noções limitadas de preservação da natureza que não levam em conta as múltiplas vidas e seres que estão de fato em jogo. Sua fala aponta para uma noção de “silêncio” que os debates da ecologia acústica e paisagem sonora na academia não dão conta. E eu não traduzi esse texto para o português porque eu não consegui entender o que faria sentido escrever em português. Cada língua tem seus desafios, porque é uma forma de circular, e essa exigência da escrita monoautoral faz cada vez menos sentido pros tipos de trabalhos que precisamos fazer na universidade hoje. E aí eu me dei conta de que na verdade eu tinha que conversar com você.

**Ana Laide:** Acho que eu tô precisando dessa entrevista pra ver se eu me animo aqui na escrita também.

3 Fantinato Geo de Siqueira, Maria. “We Are Losing Our Encantados because We Can’t Hear Them Anymore.” Silence, Extractivism, and Politics of Listening in/to the Brazilian Amazon. *The World of Music*, 2021, Vol. 10, No. 2, Audibilities of Colonialism and Extractivism (2021), pp. 21-50



**M:** Ah, eu vou te mandar. E eu lembro que ao transcrever essa entrevista pensei que 90% do que você disse não faria sentido eu citar. Porque tem isso, né? Quando a gente escreve um texto em diálogo com o conhecimento de outras pessoas, e que vai circular no meio acadêmico, e no caso também em outra língua, uma pergunta central que vem é: quais são as coisas que não precisam e não devem ser ditas? Quais os conhecimentos que não precisam chegar nesses espaços, que pertencem a outros espaços, e quais são os conhecimentos que precisam chegar também porque senão a gente não tensiona nada, fica ali só repetindo fórmulas e tal?

**AL:** Então, acho que esse é o grande dilema, né, porque quando a gente quer fazer chegar, tem critérios e aí nesses critérios acadêmicos você vai perdendo a essência, porque a academia ela não tá preparada para a subjetividade, e aí esse é o desafio.

Mas voltando ao que eu disse em 2019: isso é uma profunda reflexão. Hoje quando converso com pescadores (as) expulsos por Belo Monte, quando recordam dos locais, onde os encantados se manifestavam, e que por isso passaram a serem respeitados, e que também foram destruídos. Esses seres, humanos-não humanos, foram separados. Isso leva a novas investigações e questionamentos. Se os pescadores (as) eram um dos canais de escuta dos encantados, como isso acontece hoje? Eles respondem que sonham com esses lugares e com tudo que tiveram contato. A cultura não morre e está em constante transformação. E o ser humano sempre está nesta busca, mesmo no apocalipse, mesmo nesse ecocídio na Volta Grande do Xingu, de danos irreversíveis. É nesse campo de luta pela vida que a gente busca pela força que vai muito além de esperar um milagre do céu. Não estou questionando a religião hegemônica, mas a gente pode sair disso com as forças locais. Isso não muda o que eu falei em 2019, mas começa a ter um caminho, que antes nós não víamos.

Eu estou fazendo esta busca neste momento hoje. Porque o que me instiga é a ancestralidade e ela é muito presente na resistência, principalmente na cosmologia dos povos, e aqui na nossa região as águas e a floresta são fundamentais. A gente vem da água e da floresta, mas a identificação com a pesca é um outro simbolismo muito rico também. Talvez menos explorado do que a terra, a floresta. E aí como tu traz isso pra dentro de uma academia, sabe, que requer uma pesquisa muito mais pra objetividade do que pra subjetividade? Porque na verdade você trabalha o método, né, a academia trabalha com métodos... nós trabalhamos também com métodos, mas muito mais com o sentir. Por isso eu acho que é interessante a sua pesquisa né, o ouvir, o escutar... Agora, voltando lá no trabalho na comunidade: foram os pescadores que descobriram as primeiras ovas petrificadas,



as arraias atrofiadas, o rio barrento, a seca. Eu fui acompanhar uma pescadora que está fazendo hoje o monitoramento da piracema. Ela viveu 30 e poucos anos alí da pesca, junto com a família. Ela é ainda pescadora, e como ela tá abaixo da barragem, na “vazão reduzida”, como eles chamam, não tá tendo piracema<sup>4</sup>, porque para onde o peixe deveria ir para ter piracema não chega água. Então eu fui com ela ver o trabalho dela. Ela, e a família dela, começaram a verificar a mudança que estava ocorrendo nos peixes, e ela começou a mostrar: olha que o peixe tá atrofiado, a raia tá atrofiada, a ova tá secando dentro do peixe... ela começou a dar visibilidade a partir disso. Só que isso não chegava, porque eles tão numa comunidade que não aparece... a voz desse grupo minoritário de ribeirinhos, pescadores, não é escutada.

### Entre a régua e a canoa

Há um abismo do não escutar, e por não se escutar quem tá lá a destruição é voraz. Nós levamos, desde 2016, perdendo vegetação, tendo perdas, e elas e eles, pescadoras e pescadores já falavam, já falavam, e só agora, depois que perde, depois que tem danos irreversíveis, como o próprio Ibama fala, que algo está sendo feito. A gente perdeu tempo, justamente por essa distância do modo ancestral e o modo acadêmico.

Ela, a Sara<sup>5</sup>, já percebia isso, porém ela só vai passar a ter voz no campo da pesquisa quando ela passa a medir a água com régua. Desde 2019 que a família toda já sente a mudança na água e no peixe e na floresta, e só em 2022 que sai o relatório chamado hidrograma da piracema<sup>6</sup>, que foi a medição de régua todo dia para mostrar que não tava havendo a piracema. Então você tem o conflito do método empírico, do trabalho cotidiano ancestral desse povo que precisou passar por régua para ser valorizado como diagnóstico, como laudo técnico.

Eu faço essa caminhada com ela para entender como a academia tira eles do cotidiano. Quando ela ia pescar ela fazia essas observações como parte do seu próprio trabalho, e aí quando ela começa a fazer a pesquisa para essa instituição ela tem um ritual único, ou só de manhã de tal a tal hora ou de tarde de tal a tal hora. Ela tem que ir medir a água com régua. Enquanto que quando ela tava na margem do rio, pra lá e pra cá, era muito mais complexo o caminho que ela e a família faziam. Não era só um espaço que eles iam. Eles acompanhavam de forma diferente vários outros espaços. Numa pescaria ela vê que o rio tá com o lodo, que o lodo ta matando, a visão, o escutar, todos os sentidos estão presentes na nossa percepção ancestral. É muito louco o método acadêmico que você não sente, não toca, você vai só com uma régua, uma planilha, tira uma foto e mede a

4 Período de reprodução de peixes de rio, caracterizada pela sua migração contra a correnteza, rio acima.

5 Sara Rodrigues, pescadora da Volta Grande do Xingu.

6 <https://www.xingumais.org.br/acervo/hidrograma-piracema-monitoramento-ambiental-territorial-independente-volta-grande-xingu>



água tá aqui no nível x. É pobre isso. Numa pescaria a Sara via vários outros passos, coletivos. E cada família ia complementando isso. A canoa conduz para vários outros caminhos, e a régua fica parada.

Voltando para a relação homem-encantado, encantado-homem. Quando a gente fala em mundos, de fato são mundos. Nós não estamos falando à toa. Nosso método é muito mais complexo. Ele mexe com o sentido, as experiências, os conhecimentos e as relações. É interessante observar a relação dessa família com a água e com a mata. Ela é da água e o Zeca, companheiro dela, também. Eles ficam vulneráveis na mata. Os seres da mata dominam eles mais do que os da água. Não era o ritual da família caminhar na mata, mas na água. O desenvolvimento acaba com a cultura. Essas eram pessoas que saíam das suas casa pro porto, pra canoa. Agora não é mais o porto, é o caminho do igapó. Eles andam muito, gastam mais, ficam tontos. Essa mudança adoce as pessoas. O medo aumenta, a tontura vem...

A Sara disse que quando ela entra na mata ela fica tonta, e o Zeca, que é o companheiro dela, falou que quando a gente entra na mata a gente não vê os bichos: todos nos enxergam, todos os bichos estão nos vigiando, mas nós não conseguimos ver. E isso me chamou muito a atenção porque nós saímos, fomos até lá no córrego onde ela faz pesquisa, e fomos numa parte mais limpa. Eu fui no verão – é um bosque muito lindo, é um igapó, no verão ele tem outra paisagem – e agora eu fui já no período da chuva, em novembro, e aí você vê a paisagem totalmente diferente, né... ai ela disse “bora aqui, mais aqui pra cima”. Ela foi mostrar onde eles encontraram um jacaré muito grande, do tamanho de um tambor de óleo, e uma sucuri de seis metros. E aí nós estávamos bem perto do igarapé, mas ele é alto, e quando nós chegamos só ouvimos aquele barulho “tíbum!” dentro da água. E era o jacaré. Ele tava muito próximo da gente, depois nós vimos o rastro dele no chão, e nós não conseguimos ver ele, e aí eu me lembrei do que o Zeca falou: na mata a gente não consegue enxergar os bichos, mas todos eles sabem que estamos ali.

### Entre o remo e os pés

O remo conduzia eles, agora é o caminho: é uma mudança cultural em muito pouco tempo. Belo Monte está eliminando uma atividade natural que é a pesca e forçando outra atividade que eles não sabem como lidar. Eu sou pescadora ou não sou mais pescadora – o que é que eu sou? Antes eu remava para chegar a um determinado território que me daria vida. Hoje eu tenho que caminhar quilômetros dentro de matas e de seres que não conheço para trazer o mínimo para dentro de casa. E mais, tenho que fazer isso em defesa do rio. É forçar mesmo uma mudança radical, uma perda de identidade, e ao mesmo tempo a busca de outra. E isso muda muito, muda com o espírito,



com o que as pessoas tão relacionadas, os seres que você conhece são os seres do fundo, e você vai encontrar outros que você não tá adaptado. A Sara que conhece e convive com o mundo das águas de repente foi forçada a fazer outro caminho. O igapó é parte desse caminho, e ele não é alagado o tempo todo, no verão ele fica seco, só nas grandes cheias que ele alaga. Talvez o jacaré que ela encontra no igapó é o mesmo que ela encontra na água do rio, porém na água ela tem muito mais condições de lidar do que no igapó, no caminho. No caminho ela é vulnerável.

**“Nesse processo da academia tem que ter muita convicção porque as leituras fazem a gente sair da nossa realidade.”**

Ai eu tava pensando nisso, que nesse processo da academia tem que ter muita convicção porque as leituras fazem a gente sair da nossa realidade. É interessante isso: elas te trazem um conhecimento, mas ao mesmo tempo elas sufocam aquilo que é a nossa essência, porque daí a gente vai começar a querer comparar se é isso mesmo, se não é isso... É impressionante a academia. Mesmo que você tenha consciência de estar ali para cumprir um papel, ela é muito forte, ela tem um poder de sedução muito forte, e que acaba anulando esse lado dessa essência que é o ser humano.

Ao mesmo tempo, as leituras manipulam, mas por outro lado elas também confirmam o que a gente já faz no cotidiano. Então é ambíguo, é uma faca de dois gumes. Por isso, o que nos deixa mais seguras nesse processo é a nossa convicção de que somos um povo de ancestrais, então isso já nos deixa com uma certa vantagem no mundo acadêmico. Mas temos que ter convicção, e a gente tem que sair de casa com essa convicção, porque se a gente for mente fraca a gente é manipulável. As correntes acadêmicas nos manipulam. É um processo de você estar sempre voltando, internalizando, rememorando. E a leitura, se estamos abertos a isso, ela vai nos ajudar a ampliar essa nossa memória silenciada. Isso é importante, super importante, porque dependendo dos traumas a gente pode pegar a academia e nos tornar um ser humano nem branco nem ancestral.

**M:** Eu lembro que nessa entrevista em 2019 eu falei para você sobre conflitos que tinha com a universidade, no meu caso de eu estar circulando na universidade nos Estados Unidos, e os desafios disso. E bem no final dessa conversa você falou assim pra mim: mas você não veio do nada, ninguém vem do nada, todo mundo vem de algum lugar, e a gente precisa se conectar com isso, porque a academia sufoca. E isso que você disse de fato ficou comigo. Esse sufocamento dos pertencimentos, e dos conhecimentos que partem do estar, sentir, pertencer, de “ser de algum lugar”, acontece em vários níveis. E hoje eu como professora tenho entendido muito que meu papel aqui e agora onde estou é entender as maneiras de primeiro fazer minhes alunes perceberem



que esses apagamentos e sufocamentos tão acontecendo com elus o tempo todo, que são parte da formação desde a escola. E daí eu tento mobilizar uma sensibilidade para o que está ao redor da gente. Estamos aqui em uma universidade de elite<sup>7</sup>, em um território que tem uma história longa, repleta de violência mas também resistência, e qual a relação que a gente tem com esse território? Onde que tá o conhecimento? Tem muito trabalho a ser feito, porque a gente não tá escutando o que tá aqui fora. E a ideia constantemente reforçada é a de que o conhecimento não tá fora, mas tá dentro dessa sala de aula, dentro desse espaço e de uma hierarquia entre quem sabe e quem não sabe, artificialmente isolada do território.

Tem uma autora que se chama Leanne Betasamosake Simpson. Ela é pesquisadora, ativista, escritora, artista, musicista, Michi Saagiig Nishnaabeg, no território que foi colonizado e transformado no país Canadá. E ela tem um capítulo de um livro que chama “Terra como Pedagogia”<sup>8</sup>, que eu passei para minhes alunes este semestre. A gente leu isso e leu um texto de David Haskell, um cientista, biólogo, que tá muito interessado em prestar atenção nas árvores, em pensar com as árvores, que chama “As canções das Árvores”<sup>9</sup>. O trabalho dele é interessante, e ele tá buscando algo diferente de um pensamento científico rígido. Ele acompanha árvores específicas, espaços pequenos, fala das árvores como coletivos e não como indivíduos, da necessidade de conexão da árvore com os fungos, com as raízes, os passarinhos, e de como tudo tá conectado.... Mas ainda assim, chega um ponto em que ele vai para um lugar, comum no campo da ecologia acústica, de se perguntar: como podemos escutar melhor as árvores? E ele leva essa pergunta para um caminho tecnológico: se a gente precisa de aparelhos, mais tecnologias para isso. Enquanto isso, o texto da Betasamosake, Pedagogias da terra, fala de como os Nishnaabeg aprendem a partir da relação com a terra e o território, e suas histórias contam sobre isso por uma perspectiva que é da relação entre os saberes das pessoas de várias idades, uma relação de respeito e de escuta em que as crianças não sabem menos que os adultos, não tem essa hierarquia. Eu acho interessante trabalhar esses dois textos juntos, porque nos dois casos o que significa aprender com as árvores se apresenta como entendimentos bem diferentes do que é o saber, onde ele está, e como ele se distribui e se acumula através do tempo. A história que a Leanne Betasamosake conta no capítulo do livro dela fala de como que os Nishnaabeg aprenderam a extrair o maple syrup da árvore, que é um caldo doce que virou um produto “do Canadá”. A história é sobre uma criança que foi até a árvore colher lenha para levar para a mãe, e vê um esquilo que está cavando a árvore e extraindo

7 Duke University, que se encontra nos territórios ancestrais dos povos Haliwa Saponi, Tuscarora, Souian e Catawba e no território Occaneechi Saponi (Durham, Carolina do Norte, EUA).

8 Leanne Besatamosake Simpson. *As We Have Always Done Indigenous Freedom through Radical Resistance*. University of Minnesota Press, 2021. “Land as Pedagogy” pp. 145-175

9 David George Haskell. *The Songs of Trees: Stories from Nature's Great Connectors*. Viking - Penguin Random House LLC. 2017



alguma coisa dali. A criança olha e fica sem saber o que é, mas logo começa a imitar o que o esquilo tá fazendo e descobre esse caldo doce... Depois de lermos isso para a aula eu perguntei para minhas alunes: quantas vezes vocês imitam o que um animal tá fazendo? Quando vocês lembram de fazer isso? “Ah, quando eu era criança”, algunes disseram, “mas era sempre uma coisa boba, não era valorizado como conhecimento...”

Eu só tô trazendo coisas que são parte da minha aula porque são parte dessa busca por tentar se conectar mais pela perspectiva do fazer, do estar, do sentir e não do sentir como “ah, eu tenho que ter um ouvido melhor” ”eu tenho que ser mais isso ou aquilo...” Não é sobre ser super-humano. É outra coisa. É bem em relação, né. É o humano com os outros, com os outros seres... ao ler esses dois textos algumas alunes disseram “Nossa, fomos colonizadas na nossa forma de aprender...”

**AL:** É... por exemplo, quando se tá limpando a roça, quando se limpa a roça e queima, nasce logo uma árvore que a gente chama aqui embaúba. A embaúba tu não planta nem nada: cortou ali, queimou, e a embaúba vem, você pode observar isso. Onde desmata a embaúba nasce logo, imediatamente. E nós ficávamos observando: mas por que a embaúba vem assim? E aí isso faz a gente lembrar que a terra tem várias camadas, né, ela é um grande celeiro que guarda todo tipo de sementes, e ela sabe muito bem qual que deve vir primeiro quando é agredida de determinada forma. Então você tem aquela que vem mediando, antes da capoeira voltar a crescer novamente, vem essas árvores. Então, aí a gente fala, “é tudo conectado?” É, mas é mais do que tudo conectado. Cada um tem que fazer uma parte, né. Porque a terra sem os seres humanos ela não vai ficar tão fértil e, no caso nosso da Amazônia, ser isso que é. Então o manejo dos povos tradicionais ajudou muito... até um tempo atrás a gente achava que a pupunha, a castanha, eram árvores nativas, mas hoje temos conhecimento que elas foram domesticadas pelos povos indígenas. Então os caminhos que levam, as veredas que se dão nesse processo...

Eu vejo que o ser humano é uma sociedade, é um grupo social que se afastou muito disso, que se afastou muito dessa relação... Os grupos sobrevivendo, vivendo, não pelo fato de uma aliança com os povos, uma interconexão com os povos, mas pela superioridade. Então, por exemplo, a minha avó ela dizia – a gente sempre conversa e vai memorizando o que ela falava – “quando tu vai pra roça tirar a mandioca, a raiz, não deixa as raízes pequenas ficar, a mandioca pequena ficar, porque senão no próximo ano a terra não vai dar mais”. Eles ensinavam as crianças, né. Ela ia na frente e a gente ia atrás, justamente para a gente não deixar a mandioca para trás. Então tu tinha que trazer tudo, nada de desperdiçar. Então se num pé de mandioca tinha as grandes



ou tinha só menores, a gente tinha que trazer tudo que tava ali. Se não fizesse isso, na próxima roça a gente poderia ter um fracasso do plantio, não ter tanta produtividade. E a vovó ainda dizia mais: se não levar as mandiocas pequenas, elas vão ficar chorando, gemendo, porque levaram só as mães maiores. Então isso tem muito da cosmologia do acreditar que nada está por acaso.

E eu tô lendo, acho que você deve conhecer, a Anna Tsing<sup>10</sup>. É bem interessante como ela trata essa história da paisagem, do local. E isso faz a gente pensar hoje nessa questão de território né, a discussão que alguns autores trazem sobre território, desterritorialização, re-territorialização. Eu acho que ela começa a inverter um pouco esse processo, porque o território a gente cria também, né. A gente traz... Tô pensando aqui, quando eu comecei a conversar com o povo da Volta Grande do Xingu, com essa comunidade que eu tô discutindo a pesquisa, quando eles dizem “nós viemos pra cá no ano tal, eu tô aqui há 40 anos. Eu vim do Ceará, minha esposa veio da Bahia.” E aí, quando o rio é interrompido pela barragem, a gente percebe agora, conversando com eles, a relação deles com o rio. E tem uma frase que eles repetem muito: “O rio foi nosso pai e nossa mãe. Foi nossa mãe de leite. Tudo que eu tenho hoje, aonde eu cheguei, foi ele que me deu. Hoje ele tá morrendo, então eu tenho que fazer de tudo para ajudar ele que já me ajudou tanto. Por isso que eu tô lutando”. O que essas pessoas criaram ali? Fica a pergunta né: da onde vocês vieram? E aqui o papel fundamental foi das mulheres. A partir daí, quando elas começam a sentir a perda do rio, elas começam a chamar o rio de minha mãe. É como se elas tivessem que agora carregar esse filho e cuidar desse filho que está doente. É interessante porque isso está muito conectado com a fala do Krenak, que fala do rio doce (Watu) como seu avô.<sup>11</sup>

E é interessante que isso, conversando nas rodas de conversa com eles, eles dizem da onde que eles vem, nessa migração para chegar lá na Volta Grande e dali fazer o seu território, construir o seu território... da vez seguinte que eu fui lá eles me disseram: “Ana, eu já sei, nós somos indígenas.” “Como assim, é só porque o rio tá produzindo e produziu para vocês?” “Não, é mais do que isso.” Aí a mãe dela vinha: “Não, eu tô depressiva. Eu quero ir me embora pro rio, porque quando eu chegar no rio eu fico lá naquelas pedras, deito lá, tomo meu banho, e é o meu remédio.” Então é assim, ela fica doente se ela se afasta da beira do rio, e ela se cura ao voltar para a margem do rio. Então, aí a gente conversando nessa relação, do que significa o rio pra eles, é engraçado isso... essa relação com o rio, essa afetividade que se tem com o rio. Eles foram pensando de onde que eles vem, e eles descobriram que eles são descendentes de Pataxó na Bahia. Se a gente fosse investigar um pouquinho mais, provavelmente a ancestralidade deles vem junto e eles construíram um território afetivo ali, e não é à toa né, essa relação deles com o rio.

10 Tsing, Anna. *Viver Nas Ruínas – Paisagens multiespécies no Antropoceno*. Editora Mil Folhas: 2017

11 Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das letras: 2020



É interessante olhar cada história desses moradores, essas comunidades foram criadas por migrantes, vindo na década de 70, na construção da rodovia Transamazônica. Porém, o território da Volta Grande do Xingu recebe migrantes desde o ciclo da borracha nos anos 1940. E nesse trabalho de a gente fazer etnografia das comunidades eles começaram a pensar de onde vem. E aí eles vão contando essa memória afetiva, essa memória vai trazendo... Então isso é pra dizer: num é que você encontra tudo pronto. Você vai transformando, e a própria natureza vai fazendo isso.

A conexão com o rio faz eles voltarem para o território afetivo deles. É quando a Sara lembra que nessa memória, conversando com outros, ela pode ser Pataxó. Aí quando eu conversei com o avô dela ele me disse que morava em Eunápolis, um município na Bahia, só que quando ele vai buscar onde ele nasce ele diz que nasceu onde o Brasil “foi descoberto”, na coroa vermelha. Então a memória, o território afetivo deles, vem junto. Ele fala “eu sou do mar”. E aí eles se conectam com o Xingu e se apaixonam. Eles chegam em 77, nessa comunidade à margem do Xingu, Belo Monte do Pontal. Esse território é indígena, principalmente dos Juruna<sup>12</sup>, e hoje acomoda outros povos, na maioria povos tradicionais. Eles começaram a criar a partir de 77, 78 a comunidade, seu território, que vem com eles. A coroa vermelha não veio com eles, mas veio um afeto, na construção deles com essa realidade. A cartografia social foca justamente nisso. Provavelmente esses foram povos desterritorializados da Bahia em busca de outras terras, que migram para cá e começam a construir um outro território, num território indígena – e já tem uma grande conexão também, mesmo sendo povos diferentes, mas são ancestrais né. E quando eles têm a chance de retornar eles retornam lá, pra Bahia, mas eles não conseguem ficar lá, e aí eles retornam de vez para cá. Então eles também estão construindo outro território ancestral com o que eles trazem nesse território imaginário, esse território que vem com eles, e com o que eles encontram nesse território que eles chegam. E é interessante como isso vem, como isso surge na pesquisa.

E é interessante nesse texto *Viver nas Ruínas*, da Anna Tsing, porque ela diz isso né: a ecologia feral, que ela tá ali numa disputa... e é isso. Acho que nós, se a gente for perguntar essa questão da onde a gente vem, dessa relação que a gente vem, é muito mais profundo dizer da onde que eu venho não enquanto grupo humano, mas da minha relação com a natureza, do território: eu venho do cerrado? eu venho do meio da mata? a minha ancestralidade é mata? é rio? Entende? É uma relação diferente de: “ah, eu sou descendente de português...” Sempre o homem, né? Sempre o homem é o descendente..... Não, ele só tá ali pra uma função também, mas o que me faz é o meio onde eu estou.

12 Os Juruna (Yudjá), são povos da Volta Grande do Xingu. Um grupo que não aceitou a colonização dos padres subiu o Xingu e desde então habita o parque do Xingu, outro grupo ficou no médio Xingu (Lima 2005). Hoje a maioria desse segundo grupo está na cidade de Altamira, pois foram expulsos do seu território.



**M:** É...

**“Eu sou filha da mata onde tinha uma castanheira, onde tinha um igarapé”**

**AL:** Então, eu acho que a gente ao falar de identidade, para mim mais profundo é dizer da onde eu venho: eu sou filha de fulano e filha de cicrano; eu sou filha da mata onde tinha uma castanheira, onde tinha um igarapé, eu sou filha de uma tapera onde tinha um plantio de bacurizeiro, de marí... e aquilo ali, Eles que me cuidaram... como diz a Sara, foram minhas mães de leite, né. O bacuri que me alimentou, o açaí, o peixe, né. Eu sou filha daquele rio onde quando eu queria comer um peixe assado, quando eu queria comer um peixe frito, ele me oferecia isso. Então é muito mais abrangente você dizer que você nasce desse território com tudo isso, do que você dizer essa coisa somente humana, né, porque aí valoriza muito essa história do ser humano que é o prepotente. E não, o meu centro é onde eu pude ir tomar um banho, pegar uma água, onde me forneceu um peixe, a farinha, e as frutas. É se colocar também como parte desse meio.

**M:** Nossa, com certeza. Acho que isso que você tá falando é tão profundo. Eu acho que vai num ponto muito crucial sobre formas de fazer política também... eu fico pensando nisso quando eu tô dando aula: como trazer isso para minhes alunes... que é: todos nós viemos de algum lugar da terra, e a gente não pode esquecer disso, porque senão a gente pode cair numas armadilhas, como se tivesse gente que tem que ser mais terra e gente que tem que ter mais terra...que tem gente que só é terra e não tem posse da terra, e gente que tem posse da terra e nunca é terra... essa hierarquia né... Não sei se to me expressando bem.

**AL:** Eu entendi, sim...

**M:** E obviamente que a gente tem que reconhecer as desigualdades e diferenças, né. Eu penso neste espaço que eu tô aqui que é um espaço elitizado, e que aqui a gente realmente tá muito mais desconectada da terra que outras pessoas, que tem realmente muito trabalho de conexão real pra se fazer..., mas ao mesmo tempo que trabalho é esse? Como a gente faz esse trabalho? E eu acho que isso que você falou é o coração da questão...

**AL:** Quando eu digo pra você “de onde é que tu vem, qual é o teu pertencimento?”, é isso. Porque se a gente parar para pensar é muito egoísta dizer “ah, eu venho da minha mãe e meu pai”. Não, vem muito mais além que isso...



É... essa reflexão quando eu falei assim: eu tenho uma religiosidade amazônica, eu sou bisneta de escravizados, eu comecei a perceber a minha ancestralidade, mas eu deixei de fora a minha territorialidade enquanto parte dessa ecologia, e essa reflexão é muito do que hoje eu penso. E aí o que me faz pensar é isso que a Anna Tsing fala do Homem como centro né, que ele é muito destruidor. Eu me vejo não mais enquanto ser humana, mas eu em conexão com a natureza. Então isso brotou muito aqui desse diálogo nosso, de ao invés de dizer “o meu pertencimento”... mas o meu pertencimento é a pesca. Eu nasço nisso, né, eu nasço dentro de uma tapera, e meus pais, meus avós são parte disso, de um todo. Seria muito egoísta da minha parte trazer tudo que a gente tá trazendo aqui e dizer que é só minha mãe e meu pai, e dizer que o peixe não faz parte disso, a tapera, e não dizer que o leite não foi só o leite da minha mãe. Somos parte de um todo onde a mãe do mato faz parte, onde o boto faz parte, a cobra grande faz parte, a mãe da água e os sons que a gente escuta e já se alerta que tá na hora de partir ou tá na hora de continuar. Não é somente o ventre da nossa mãe, mas é nossa conexão com tudo isso. Até porque se ela ficasse numa gestação fechada, trancafiada, talvez nem se desenvolvesse tanto, né. Para desenvolver o feto é preciso ela estar nessa conexão com a natureza também. Imagina como seria uma criança enjaulada né, nascer enjaulada... Então é isso que faz uma reflexão profunda. E a gente já tá fazendo... o nosso todo é o nosso meio em que a gente está. E tá incluso meu pai, minha mãe, o ventre da minha mãe, e aí a gente vai mais aprofundando né. A Terra hoje ela tá sendo violentada, ela tá sendo mal amada, ela tá sendo roubada, destruída.

**“Quem olhar aquele rio só pela energia nunca vai se colocar na pele desse peixe que perdeu os dentes.”**

A gente não pode estar generalizando os mundos. Porque às vezes você não quer falar abertamente dos encantados quando você fala dos “seres humanos e não humanos”. Você tem os encantados, que é diferente do peixe, mesmo que estejam conectados e os encantados às vezes se apresentem em forma de animais (boto, iara, cobra grande), é diferente dos outros seres da floresta, da uma árvore, de um peixe. E o peixe da volta grande também é um ser de direitos, ele tinha seu território. E o pescador já trazia isso quando falava que peixe brincava, o peixe namorava, que o peixe dormia...

Só que são mundos diferentes, né... e como tu consegue conciliar com esses outros mundos? Aí acho que traz essa outra reflexão dos vários mundos que se tem, inclusive também no campo né. Como você acabou de dizer, as crianças têm o próprio mundo delas, os idosos, o peixe... uma coisa que me chamou muito a atenção e o estudo me ajudou a refletir mais ainda com atenção – até



ainda não tá no mestrado, mas eu ficava com aquilo na cabeça né – como assim o peixe tá com os dentes podres? E aí o pescador dizia “O peixe comia o fruto. Agora ele não tem mais o fruto, porque ele tá caindo no seco, então ele para não morrer de fome ele vai nas pedras e começa a roer nas pedras, o limo, e aí os dentes do peixe começou a apodrecer.” Olha ele tô colocando o peixe, né, tô me colocando no caminho do peixe. Olha o pescador mostrando toda essa sabedoria, esse conhecimento. Então aquele peixe tinha o território de alimento dele. Ele tinha ali o local onde tinha a goiabinha, o sarão, que são as florestas de pedra, as florestas do rio. Então ele tinha, ele sabia o caminho, ele ia lá se alimentar. E aí esse peixe hoje perdeu isso, entende? Quem olhar aquele rio só pela energia nunca vai se colocar na pele desse peixe que perdeu os dentes.

Eu tô me referindo ao Xingu na área que o rio secou, né. A Sara quando ela apresenta o peixe mostrando a qualidade do peixe, que o peixe tá atrofiado... ela é uma pescadora que pescava para vender, mas ela sabia de toda a composição daquele peixe, tanto que ela percebe imediatamente quando ele começa a ficar atrofiado. Então essa relação do humano com o não humano é presente. Ela sabe falar daquele peixe. Aquele peixe não pode vir aqui dizer pra nós, mas ela pega o peixe e fala por ele. Ele tinha território, ele gostava de brincar, ele pulava, ele se alimentava. E ele servia também os humanos. Então essa é uma relação que nós não conseguimos ter, essa conexão... e por isso que vai se destruindo. Quem tá em São Paulo vai olhar o Xingu e dizer “ah, mas nós precisamos dessa energia”, e nós dizemos aqui “Não! Tu precisa da energia, mas o peixe precisa tá com o dente dele sadio. A arraia precisa tá ali como antes, não atrofiada, como tá acontecendo hoje.” Então a gente passa por cima de muitas coisas, né, por conta dessa visão egoísta nossa.

**“...então a própria terra ela tá dizendo isso pra nós: não se divide, não se vende. Porque onde tá a água não tá a piçarra, onde tá a piçarra não tá a castanha, onde tá a castanha não tá o anjelim.”**

**M:** É. E ao mesmo tempo acho que é importante pensar também nesse “a gente”, né? Não é que todo mundo é igual.... Tem aí diferentes humanos, ou tem gente muito mais responsável que outras: a posição de cada um nessa destruição é diferente. Como é que a gente faz pra trabalhar também a partir dessa consciência, né? A acumulação vem a partir da destruição disso tudo, né: a acumulação de dinheiro, de terra. Então essa balança aí, pensando nessa conversa entre humanos, é importante também trazer essa diferença... E tem gente que sofre na pele, que é imediatamente afetada por essas destruições, e tem gente que demora, não sofre, só próximas gerações vão sofrer, mas não tá sofrendo agora, porque ainda tá podendo se isolar e “comprar” pra viver.... Tem uma hora que não vai dar mais, né. E ainda tem essa galera que quer ir pra Marte, né...



**AL:** Que quer ir pra Marte, é verdade... Eu tava conversando com meus sobrinhos: tem muitas séries, né, que falam já de uma premonição do que vai ser a Terra. A Terra vai acabar e um grupo vai embora daqui e vai viver no espaço, e por isso tão investindo muito pra lá. É isso, eles já estão num pensamento que a vida aqui na Terra vai se extinguir. Porque é em massa, né. E tudo vem nesse processo aí, de destruição muito rápida nesse governo agora que passou do Brasil, essa área lá onde você foi visitar, em Altamira, destruiu muito, muito, muito. Quantas vidas se perderam que a gente nem sabia ainda, né, numa área que chama dos povos isolados, que é a área do Ituna e Itatá. Eu fico pensando, assim, quando você derruba uma castanheira, que é imensa, você derruba já várias outras árvores do entorno. O macaco guariba, que anda em família, quantos territórios esses animais perderam? A gente nunca olha o que tá no grupo menor, né. A gente só olha mesmo isso aí, a ganância do dinheiro....

Mas isso também, Maria, isso não é só para os políticos, empresários, o capital. Essa consciência da terra a maioria dos movimentos sociais não tem. Principalmente aqueles movimentos que tem como filosofia o Marxismo Leninista... Então isso também é uma briga interna, né, dentro dos próprios movimentos. Esse novo governo vai olhar diferente pra Amazônia? Não sei. Não acredito muito. Mas rompeu um grande mal, né. A gente já sabia sobre o genocídio no povo Munduruku e também com o povo Yanomami, muitas denúncias tavam vindo... e não é dizer só que o presidente que foi negligente. Foram negligentes também todos os outros poderes. Todos eles deveriam ser denunciados. Deputados, senadores, a justiça. Todos viraram as costas para acontecer o que tá acontecendo com o povo Yanomami, o genocídio causado pela invasão de seus territórios por garimpeiros, e outros povos indígenas. Então para a sociedade brasileira e para os políticos explorarem as terras Yanomami fecharam os olhos. É um processo bem como isso que a gente tava falando: violento com a natureza, com as pessoas que estão nessa natureza, e que são essa natureza.

**M:** É. E isso que você falou eu acho tão importante, essa crítica à própria esquerda, à uma forma da esquerda entender o que significa lutar por justiça social, o que significa lutar por justiça socioambiental, e que tipos de escuta, de sensibilidade, e de conexão com outros saberes são necessários para mudar um pouco, fazer um giro nessas estratégias, né.

E tem aí o desafio de lidar com esse inimigo que é o fascismo também né, que é um inimigo que não tá cabendo... que opera por outros nomes.... E eu sinto um pouco isso, esse momento de: o que que a gente faz? E eu falo para minhes alunes aqui nos Estados Unidos: olha, tem muita



coisa acontecendo aqui, a Califórnia tá tendo enchentes claramente ligadas à mudança climática, e isso vai mudar todo o sistema de agricultura de lá. Isso vai ter que acontecer, tão dizendo aí os analistas e tal. Então existe uma coisa que é: tá evidente que nossa forma de ocupar essa terra não tá boa e que a gente precisa mudar os padrões, mas o problema é que como que a gente faz pra mudar de uma maneira que essa mudança não seja a favor de piorar as desigualdades? Que não seja de novo uma mudança que é controlada pelas mesmas pessoas que tão destruindo. E nesse sentido entra essa questão de fato do capital e tal, mas ao mesmo tempo que nem você falou: não é só isso, porque não dá pra ficar romantizando também, falar “os violões e os bonzinhos” porque senão você não vê a complexidade do problema.... Muita coisa, né? Tô pensando com você aqui.

**AL:** É... As pessoas sempre quando a gente critica essa democracia representativa, que é o modelo né, elas sempre perguntam pra a gente “Ah, mas vocês não concordam com isso” – e aí já encurralam a gente – “e qual é o projeto então, e qual é a forma melhor então?” Ai cara, os povos indígenas já mostraram: deixar os pequenos grupos. Porque a gente tem que estar numa hegemonia? E a esquerda é a mesma coisa: não muda. Porque qual é o processo inovador da esquerda até agora? Não vi. Muda algumas coisas no social, no econômico, mas a forma é hegemônica. Você tem um grupo grande, e aí leva gente como se fosse para um campo de futebol assistindo um jogo, aí um é de um lado e outro é do outro. E não é isso, né, a diversidade é muito ampla para você colocar tudo dentro de um grupo hegemônico, para dividir em dois lados.

E aí eu fico imaginando: porque não deixa a gente que tá nos seus lugares, no PA Ressaca, construir aquilo lá deles? Porque não deixa o povo que tá ali na sua comunidade, no seu espaço, ser e ter a sua forma de auto governança? É claro que isso vai implicar num exercício maior, então, que o Estado... Onde eu moro, em Santo Antônio do Tauá, não tem terra pra fazer a farinha. Eu vou precisar da farinha, então eu vou ter que fazer aliança com o outro grupo que tem a farinha, como a gente fazia antes. Nós tínhamos o peixe, então a gente pegava o que sobrava do peixe e ia trocar com a farinha, e assim as comunidades iam intercambiando. Onde tinha farinha trocava com o peixe que não tinha, e o peixe ele podia trocar com outras frutas, e ia assim... com um remédio, com uma outra coisa. Então as comunidades tinham sua autonomia e autogestão, mas elas não viviam isoladamente. Não tem como viver isoladas, porque a terra também não é uniforme. Se você tem um quadrado de terra aqui você tem a água que passa aqui no cantinho, e se você divide a terra em blocos pequenos aquele um vai ficar com água e o outro não vai ficar com a água. O outro do seu lado vai ficar com a floresta e o outro vai ficar com a piçarra. Então não tem que dividir. Eu acho que o exemplo da terra é fantástico para mostrar como nós temos que viver. E isso fez



eu refletir recentemente né: tu pega uma área de terra e tu acha que toda aquela terra é bonita, é frondosa, é fértil? Não. Aí coitado daquele que vai ficar só com a juquira. Não vai produzir, né. E um vai ter o privilégio de ficar só ele com a floresta em pé? Não, não pode.... então a própria terra ela tá dizendo isso pra nós: não se divide, não se vende. Porque onde tá a água não tá a piçarra, onde tá a piçarra não tá a castanha, onde tá a castanha não tá o angelim. Então quando você divide uns vão ficar privilegiados e outros não. Porque a terra não é uniforme.

Da mesma forma, a gente pode dizer com o rio. O leito do rio não é onde se cria. Onde se constrói a vida, onde se produz vida, geralmente é às margens. Então na hora que você impede que a água chegue naquele igapó, você tá fazendo que vidas não se produzam mais. Então a natureza te ensina como tu viver. Eu tô bem aqui, eu preciso da água, eu preciso da floresta, eu preciso do fruto, eu preciso da piçarra, eu preciso da terra, da areia branca, eu preciso do barro.... e eu devo tirar aquilo que eu preciso, não pra acumulação. Então isso é um processo que tem que mudar, mas as potências elas estão aí, os Estados estão aí, querendo tomar conta do petróleo, né? Essa briga. Eles querem tomar conta das minas de água, querem tomar conta das áreas de ferro, no caso em Carajás na região de Marabá a Vale e agora a Belo Sun querem tomar conta de onde tem o ouro. E povo não... e aí é isso, não consegue perceber que nós todos precisamos ser um pêndulo, onde a gente vai e circula em tudo, porque nós não vivemos só disso, nós vivemos de tudo um pouco que a própria terra produz e nos sustenta. Porque mesmo onde tem a juquira tu encontra remédio, então ela também é importante, então tudo tem a sua contribuição. Na hora que divide, cara, aí ferrou. Aí não presta. Uns vão ser beneficiados e outros não.

**M:** É.

**AL:** Tenta fazer esse exercício dentro da tua sala de aula. Dá um livro com todas as informações para um grupo e dá um papel em branco pro outro e pede o mesmo tema para eles desenvolverem.

**M:** Genial. Com certeza. Vou fazer algo e depois te contar como foi.

Eu queria saber o que você acha do termo “alianças”. Pergunto pois ele está no título desse nosso dossiê. O que você acha desse termo, e como você se relaciona com ele? Você prefere usar outro? Porque você tá falando dessa coisa da circulação também, e da não compartimentalização da terra, ao mesmo tempo que é não compartimentalização exatamente porque a terra não é homogênea... então é uma coisa com as pessoas também, né? Não adianta só você compartimentar



em categorias e tal, porque a gente também precisa fazer alianças, mas precisa também reconhecer as diferenças. Pensando um pouco com o que você tá falando.... Como você entende esse termo? É um termo que faz sentido pra você, ou você usa outro?

**AL:** Eu gosto do termo de aliança, mas ela é muito profunda, não é aquela aliança onde o marido vai ser o machista de dentro da casa

**M:** Não é essa aliança.

**AL:** Eu gosto, e às vezes é interessante né, vou dizer “ah, diversidade, vamos respeitar.” Isso é papo furado. Tem uma autora.... ela é norte americana também, que fala da interculturalidade, que eu acho que é isso: a aliança só será importante quando ela compreender a interculturalidade. O meu grupo não é melhor que aquele, e não vai sobrepor, mas vai estar numa espiral mesmo. Aí eu vou voltar lá pra nossa pesca. A gente trocava o peixe com a farinha, que trocava com a fruta, e trocava o mexilhão com a banana, com a mandioca, com o açaí. Eu tenho e eu preciso de outra coisa que o meu vizinho tem. Aqui nas ilhas, por exemplo, e também nas áreas comuns – eu venho dessa experiência –, nós tínhamos área de terra. Nossa comunidade é pequena, mas nós tínhamos a área de terra e nós tínhamos o rio. O rio é pequeno, mas ele dá pro mar, então nós tínhamos condição de ter peixe do mar em abundância, e a terra era livre para a gente fazer a roça. Depois o fazendeiro chegou e tomou parte da terra, e nós fomos ficando sem terra pra fazer a farinha. Daí essa relação com quem tinha mais terra: nós íamos atrás da farinha, né, levando o peixe que nós tínhamos de sobra, pra fazer a troca, porque nós precisávamos da farinha, apesar de nós termos a nossa, a terra era pequena para a gente fazer farinha o ano inteiro, porque ela servia toda a comunidade, então os grupos faziam as trocas. E acabava sendo uma aliança, né, uma aliança nesse sentido.

Eu gosto muito do termo aliança, que é caminhar junto, estar junto com o outro. Eu trago também mais a discussão desse conceito da interculturalidade, porque rebate muita coisa hoje. “Ah, nós vamos respeitar os grupos minoritários, os grupos quilombolas, indígenas...” mas é hipócrita quando vem os partidos políticos: “ah, traz a mãe de santo pra ser candidata porque agora nós respeitamos o candomblé, nós respeitamos a religião de matriz afro”, mas o preconceito é o mesmo. A mãe de santo que tá ali, o pai de santo que tá concorrendo numa campanha política, não tem os mesmos privilégios do grupo do parlamentar do PT aqui do Pará. Não tem. Quem ganha as eleições?

(...) Então é isso que a gente vê. Então essa coisa do respeito, pra trazer como exemplo aliança



e o que tá em moda, a “diversidade”, mas, sinceramente, onde é que tá tudo isso? Principalmente na categoria dos políticos, né, são todos homens brancos racistas, machistas, homofóbicos ... e aí nesse sentido a educação ela é fundamental, né, pra ir rompendo esse tipo de imaginário.

\*\*\*

